

María Eugenia Fissore\*  
Adriana Pontelli\*  
Marcela Armeñanzas\*  
María Laura Dargentón\*  
Silvina TombiÓN\*  
Patricia de Cara\*  
Pablo Dragotto\*  
Milena Vigil\*

## Supervisões em grupo, uma experiência de passagem

Nós, um grupo de candidatos da Asociación Psicoanalítica de Córdoba (APC), queremos compartilhar com vocês nossas experiências de supervisão grupal, realizadas no nosso Instituto de Formação. Essa modalidade, estabelecida por regulamento em 2011, inaugurou para as supervisões um dispositivo com formato de grupo<sup>1</sup>, inovador não só nessa instituição, mas também em associações da Argentina e da América Latina pertencentes à Associação Psicanalítica Internacional (IPA, por sua sigla em inglês).

Essa nova orientação feita pela nossa instituição em relação às modalidades de supervisão marcou um ponto de ruptura e de abertura nas maneiras clássicas de considerar algumas questões que fazem parte da formação de analistas. De fato, a oferta de trabalhar em grupos de supervisão nos introduziu em uma experiência de mudança em relação ao modo tradicional baseado no binômio supervisor(s)-supervisor, modo no qual é subjacente que está em jogo uma demanda de saber supostamente dirigida a um sujeito, a um supervisor.

Nós, que sustentamos esse espaço, chamamos isso de experiência *clínica de passagem*. Mantemos essa denominação em suspenso: sua elucidação é o resultado de uma das propostas desta apresentação.

Para a execução do trabalho, adotamos o princípio de elaboração mantida em um pequeno grupo, no qual seus integrantes foram orientados por um deles. A função dessa pessoa estava ligada a abrir o trabalho, a lançar ou relançar a discussão e o trabalho ao interior do grupo, e seus efeitos iam nos habilitando a nos apropriarmos disso. Um dos grupos deu a esse integrante o nome de “mais um” (Lacan, 1964/2012). Essa proposta supôs um primeiro jogo de abertura balizado no deslocamento do supervisor de um lugar de poder, movimento que produziu, como efeito, uma modalidade distinta de circulação do saber. Quase sem perceber, prontamente fomos vendo que cada

---

\* \* Asociación Psicoanalítica de Córdoba.

1. O artigo 9 do regulamento do Instituto de Formação da APC indica o seguinte: “Cada uma das duas supervisões terá uma extensão mínima de dois anos de duração, à razão de uma supervisão semanal, realizada com dois analistas didatas diferentes. **Uma delas será grupal e será formada por um número de dois ou três candidatos, sendo responsabilidade de cada um deles apresentar material de sua própria prática e elaborar o relatório correspondente ao primeiro ano e ao segundo ano do processo. Além disso, o grupo deverá elaborar um relatório sintético que trate da experiência do processo de supervisão**” (os negritos são nossos; Instituto de Formação, 2011).



um ia ocupando diferentes lugares, algo que só mais tarde, por *après coup*, pudemos entender como um efeito favorável dessa cessão inicial.

Cada um chegou ao grupo com uma bagagem de teorias e experiências acumuladas em percursos diferentes e alternativos, sem saber que poderia oferecer o fato de trabalhar com seus pacientes no interior desse dispositivo. No entanto, todos nós sentimos o desejo de transitar a experiência a partir dessa nova dimensão, para além dos saberes de cada um.

Foi um desafio dispor-se a mostrar sem disfarces, frente aos demais, a própria clínica e expor as intervenções; o que foi dito, feito ou o que não se disse; o que foi pensado e o que foi sentido em relação a um analisante.

Foi frutífera a liberdade que tivemos para trabalhar materiais clínicos de distintos pacientes, já que essa possibilidade colaborou no processo de escolha do caso a seguir e deu lugar a interrogações genuínas sobre nossa maneira de intervir em diferentes casos.

O grupo permitiu que nos encontrássemos com uma pluralidade de escutas e foi habilitando o interjogo de transferências diversas com um material clínico, abrindo o campo a um entrecruzamento de registros. Certamente o trabalho grupal implicou escutar e ser escutado por distintos analistas –nossos pares com marcos teóricos, estilos, formações e experiências diversos–, e, além disso, produziu mudanças desde o começo, causando movimentos em cadeia e em diferentes direções: no grupo, nas sessões com o paciente e na escuta de cada analista.

Aos poucos, fomos constatando que nossos saberes individuais iam se transformando em saberes produzidos entre outros e com outros. No entanto, pensar em grupo não significa perder o individual, mas sim compartilhar, em espaços de construção participativa.

Dessa maneira, fragmentos de sessões, de dizeres de diferentes pacientes, de associações promovidas no grupo começaram a transcorrer em movimentos envolventes, espiralados,

ascendentes que, como um turbilhão, circulavam ao redor de um espaço vazio e se decantavam em um saber construído de um modo diferente e em diferença, um saber sem dono, um saber em falta, um saber do grupo.

O desalojamento do lugar do saber dogmático por parte de todos os membros foi tracionando um poder que habilitou a circulação de uma palavra viva, exercendo efeitos de novidade e criatividade, em vez de tornar uma ferramenta de dominação, de sanção, de “coisa julgada”, produtora de intervenções superegógicas esterilizantes.

Na clínica do caso a caso, cada paciente colocado no grupo promovia um movimento fluente, intenso. A leitura e o acompanhamento do texto lançavam um trabalho em que ia sendo tecida uma trama. À medida que fomos avançando, os saberes iam se conjugando. O trabalho em redes associativas das transferências de cada um com o outro, e de todos e cada um com o caso clínico, potenciava efeitos e multiplicava resultados.

Nos diferentes grupos foi se estruturando um espaço de escuta que privilegiava os dizeres, enfatizando não tanto a subjetividade, mas sim as sujeições que determinam um sujeito, tudo isso lido em chave de transferência, causado pelo desejo do analista.

Dessa maneira, a dinâmica de trabalho em cada grupo foi se aprofundando como um novo produto em si mesmo. De acordo com o caso, de acordo com as possibilidades de intercâmbio, a cada vez, a cada encontro, cada um podia assumir lugares diferentes, ocupando-se –a partir da diferença– de lançar o trabalho, de causá-lo e encaminhá-lo ao interior do grupo.

Esse fluxo turbulento teve fortes impactos na nossa clínica cotidiana e produziu uma viragem nos modos de nos interrogarmos. Já não nos perguntávamos, como no começo, o quê ou como faz um psicanalista, mas sim como é feito, em cada um, um lugar de psicanalista. O núcleo da questão foi descentralizado do *ser* analista para o *fazer-se* analista, um analista que *saiba fazer* nesse lugar.

Retomamos aqui a denominação inicial de experiência de passagem para dizer, agora, que as supervisões em grupo marcaram um antes e um depois para a nossa prática. Nenhum de nós, os que entramos nessas supervisões, poderemos desconhecê-las nem trabalhar na clínica sem lançar mão de um valor de mudança que foi transferido a nós pela vida de uma transmissão.

Transitamos uma modalidade de supervisão diferente, orientada a um saber fazer analisistas, um saber fazer construído –fundamentalmente– como efeito da produção de um grupo.

Disso resultou uma experiência de passagem, mas não de uma passagem ao ato, e sim da passagem a um ato analítico em que o sujeito que saiu acabou sendo outro, diferente do sujeito que entrou. Sujeitos analistas que, por termos atravessado o Rubicão, nos transformamos em outros... em diferença...

## Referências

Instituto de Formação (2011). Artigo 9. In *Reglamento*. Córdoba: Asociación Psicoanalítica de Córdoba.

Lacan, J. (2012). Acto de fundación. In J. Lacan, *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. (Trabalho original publicado em 1964).